

PROJETO FLORA NA COMUNIDADE XUCURU KARIRI WARKANÃ DE ARUANÃ, MG E AS POSSIBILIDADES DO CURRÍCULO NARRATIVO

Beatriz Sales da Silva, Mariaⁱ
Ines de Freitas Petrucci Rosaⁱⁱ

Quem é ela?

Desde muito pequena
Ela sempre gostou de plantar
Prestem bastante atenção
De quem iremos falar.

Por onde ela passou
Muita planta deixou
Em Alagoas, Bahia e Minas Gerais
Árvore, flores e plantas medicinais

Das suas receitas caseiras
Todas feitas com fé
Andu, beirão, milho e girassol
Todas fazem café

As plantas do seu quintal
Cuidadas com dedicação
Com o rosto muito triste
Nos contou uma situação
Que as vacas destruíram
Quase toda a plantação

Ainda muito zangada
Continuou a falar
Não vou plantar mais nada
Aqui nesse lugar

Depois de muitas conversas
Ela começou a sorrir
Cantou uma excelência
que fala do alecrim
não sei se vocês descobriram
de quem estamos a falar
ela é a mais velha da aldeia
morou em muito lugar
vamos dar mais uma pista
pense bastante agora
quem era dona do Pingo?
Vó Alzira ou Dona Flora

*(Poema produzido pela comunidade escolar Xucuru Kariri
em homenagem à matriarca Flora)*

Primeiras palavras

Iniciamos esse artigo, tangenciando um estilo que se aproxima muito de uma escrita narrativa, que procura trazer o impacto de uma experiência ocorrida no interior de uma comunidade indígena, em particular, de sua escola. Tal experiência envolveu crianças e adultos na leitura de uma obra literária, na escuta das histórias de uma senhora matriarca de 85 anos de idade e na mobilização de saberes, sensibilidades e produção de sentidos no contexto de uma comunidade escolar. Partimos do ponto em que entramos em contato com Flora.

Na mitologia romana, Flora, mulher de Zéfiro, brando vento ocidental que anuncia a primavera, faz desabrochar as floresⁱⁱⁱ. Para Bartolomeu Campos Queirós (2009), Flora cuidava com desvelo de cada semente. Flora, promessa de florações, era como a madrugada: trazia no corpo a cor da noite, somada ao brilho do dia. Dentro de cada semente que a menina plantava, dormia florestas, bosques, pomares, jardins e, futuramente, outras sementes. As sementes operam com o tempo, trazem o *antes* e o *depois*.

Na comunidade indígena Xucuru Kariri, MG, Dona Flora é a matriarca, a sementeira da aldeia. No entanto, a comunidade escolar em contato com a obra de Bartolomeu Campos Queirós (2009), resignifica sua existência e se indaga: quem é ela? quem é essa mulher demasiadamente humana que se confunde com o mito e com a personagem? Impressionados com a realidade da fantasia, não dava para conter a surpresa, arrumar as ideias. Quando reconheceram na matriarca, o mito e a personagem, uma rede de fios cruzados foi criada e a história contada por Flora. Do ponto de vista educativo, esse é um convite para se pensar no currículo narrativo proposto por Ivor Goodson (2007) que se posiciona no sentido de romper com aprendizagens prescritivas, destacando o valor das aprendizagens narrativas.

Goodson (2007) defende que num futuro social, é necessário esperar que o currículo se comprometa com missões, paixões e propósitos que as pessoas articulam em suas vidas. Nesse sentido, mobilizar paixões presentes nas histórias de vida, parece ser uma trilha promissora que traz condições de produção para um currículo narrativo entretecido localmente no diálogo com a cultura. Esse é o propósito central do presente trabalho: apresentar a experiência do projeto Flora vivido na comunidade da Escola Estadual Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã localizada na Fazenda Boa Vista, no município de Caldas, MG e articulá-la às potencialidades próprias da ideia de currículo narrativo (GOODSON, 2007)

A comunidade Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã e sua escola

Oriundos de Palmeira dos Índios, AL, a chegada do povo Xucuru Kariri no município de Caldas, MG, se deu no ano de 2001. A escola dessa comunidade foi criada em 11 de março de 2005^{iv} e conta, hoje, com 21 alunos matriculados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Seu corpo docente é composto por 06 professores, sendo 04 professores dos anos iniciais, um professor de Cultura e um professor do Uso do Território^v. Ao concluir o quinto ano do Ensino Fundamental, os alunos são encaminhados para as escolas públicas do município.

Entre os desafios enfrentados pelos professores na organização do trabalho pedagógico, muitas perguntas aparecem, dentre elas: "para que serve a escola?" Na tentativa de responder tal pergunta, muitos conflitos são mobilizados entre professores e pais de alunos da escola. Alguns entendem que o currículo da "escola da rua"^{vi} - é mais válido para as crianças, por ser considerado mais forte. Por isso, na visão da comunidade, as crianças precisam estar preparadas para quando forem estudar na rua.

Os professores trabalham na escola, tendo como referência alguns documentos curriculares, como por exemplo a Matriz Curricular da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e também as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Indígena (2012). Mesmo considerando tais documentos curriculares, os professores da escola parecem vivenciar a angústia de romper com o currículo prescritivo e abrir espaço para uma outra possibilidade pedagógica: o currículo narrativo. Para Goodson (2007), o currículo narrativo permite ao professor teorizar sobre sua vida e não apenas vivê-la e narrá-la. É uma possibilidade de desenvolver uma teoria que amplie a linguagem de poder usada nas reformas.

Nos últimos anos, durante as reuniões pedagógicas na escola, professores vem debatendo a possibilidade de um investimento mais significativo numa pedagogia de projetos que promova um olhar sobre a identidade do grupo, com visibilidade e espaço para o registro das suas histórias. É essa pauta pedagógica que se constitui como pano de fundo da experiência vivida pela escola da comunidade que será aqui narrada e articulada às possibilidades do currículo narrativo, como caminho de aprendizagem promissor para a cultura local. Nesse contexto, a equipe pedagógica planejou a leitura da obra literária de Bartolomeu Campo Queirós (2009) e desdobrou os efeitos dessa proposição, adensando o contato com a matriarca da comunidade o que derivou um conjunto significativo de aprendizagens.

Escolhas metodológicas na apresentação da experiência da comunidade

Torna-se evidente que as escolhas metodológicas, tanto do presente artigo como da experiência na escola, convergem para a narrativa como princípio central. Para isso, apresentamos nossa interlocução com um referencial teórico que é instigante também para Goodson, quando propõe a ideia de currículo narrativo. Walter Benjamin (1994) definiu o mundo como um sistema maquinário que nos empurra sempre para começar de novo e construir com pouco. Para ele, a narrativa é uma saída importante como forma de resistência a esse mundo máquina, à medida que o ato de lembrar - como exercício do despertar - traz uma gama de significações a partir da experiência. Na lembrança, é oportunizado o entrecruzamento de tempos, espaços e visões, por isso, narrar não é apenas fazer um relatório, mas sim destacar experiências plurais, do ponto de vista da cultura.

Narrativas são formas de dizer de nossas experiências e podem ser expressas por aquilo que chamamos aqui, inspirados na leitura de *A Infância em Berlim por Volta de 1900* (Benjamin, 1994), de *mônadas*, que são centelhas de sentidos que tornam as narrativas mais do que comunicáveis: tornam-nas experienciáveis. Do nosso ponto de vista, a construção de mônadas permite uma outra forma de concepção de currículo, na medida em que possibilita estilhaçar formas lineares de pensamento. (PETRUCCI-ROSA e col, 2011, p. 203)

No sentido de operar com essa possibilidade de choque, mônadas são definidas como partes-todo e não apenas partes de um todo. São fragmentos de histórias, prenhes de significados e de brechas, através das quais o leitor ou ouvinte tem espaço para produzir seu próprio entendimento e sua própria significação, tomando a narrativa mais como um conselho e, menos como uma explicação. "No conceito de mônadas podemos reunir a perceptibilidade, sensibilidade e receptividade, constituindo, segundo Leibniz, em seu estado presente não apenas o que o precedeu, mas o que está prenhe de futuro." (PETRUCCI-ROSA e col, 2011, p. 203).

Benjamin inspirou-se na "Monadologia" de Leibniz para lidar com a imagem da mônada, no contexto de significação de narrativas. Para Leibniz, as mônadas são os elementos das coisas, indivisíveis e indissolúveis, substâncias simples e sem partes, que conformam o real em sua totalidade. Sendo a realidade múltipla e diferenciada, tais elementos mínimos diferem entre si e estão sujeitos a mudanças naturais. (LEIBNIZ, 1974). Para esse autor, as mônadas "tendem confusamente para o infinito, para o todo" (LEIBNIZ, 1974, p. 64).

Operando na perspectiva de articulação entre diversidade e unidade, expressa por Leibniz, à imagem proposta por Benjamin, mônadas como podem ser consideradas miniaturas

de sentido, abrindo espaço a “algo outro que não si mesmo” (GAGNEBIN, 2004, p. 80).

Essa ideia traz o elemento temporal de paralisação e de congelamento do fluxo da história que está imbricado na mônada. Ela é um fragmento que salta do desenrolar contínuo do tempo; no entanto, carrega em si a estrutura de um todo universal, concretamente ligada ao que a circunda. Na imobilização da mônada, pode-se flagrar a imagem dialética – uma configuração saturada de tensões, nas quais ela se cristaliza. (PETRUCCI-ROSA e col, 2011, p. 204)

Com essas escolhas metodológicas, apresentamos as narrativas da comunidade escolar Xucuru Kariri, MG. Professores narram, em suas mônadas, como o grupo chegou à elaboração do projeto que foi deflagrado a partir da leitura do livro Flora, de Bartolomeu Campos de Queirós (2009), que conta a história de uma menina que guardava uma paixão secreta pelas sementes. A personagem Flora se debruçava sobre os grãos, buscando adivinhar o que viria depois. Flora sabia que em cada semente morava uma floresta, uma árvore, um galho, uma folha, um fruto, uma flor...

Mônada 1

Café de semente de feijão andu

O projeto Flora surgiu como uma pesquisa para conhecer melhor a nossa matriarca que já está com idade avançada. A gente nunca tinha feito nada parecido de pesquisar um pouco dos conhecimentos que ela tinha. Depois do projeto das nascentes, nós tivemos uma ideia conversando com os professores. Lendo um livro, percebemos que tinha uma Flora aqui na aldeia. Flora era personagem do livro de Bartolomeu Campos de Queirós. Nossa Flora era muito parecida com a Flora personagem do livro. Surgiu a ideia de fazer o projeto. Conversamos com as crianças e demos nome ao projeto de Flora. Fomos fazer uma visita para ela, lemos o livro que ela gostou muito e iniciamos com algumas perguntas que as crianças queriam saber. Como começou essa vontade de plantar? Ela contou que planta desde pequena olhando sua mãe, ela tinha essa curiosidade, foi tomando gosto. Hoje tem oitenta e cinco anos e ainda planta. Nós fomos visitar todos os quintais em que ela morou aqui na aldeia, porque ela passou por várias casas. As crianças viram todas as plantas medicinais, flores e árvores frutíferas. Para nós, foi uma experiência muito boa, pois as crianças tiveram a oportunidade de conhecer o que até nós já tínhamos esquecido, como o café da semente de feijão andu que era muito usado e é até hoje na região nordeste onde tem o outro povo das aldeias Xucuru Kariri. O povo usa, mas nós, aqui em Minas Gerais, até por falta do feijão andu e o costume de chegar logo no mercado e trazer café pronto, estávamos deixando de lado esta cultura de produzir o próprio pó de café, que é de andu, de girassol, de milho de beirão. Foi uma experiência muito enriquecedora e ela estava feliz de ensinar. As crianças aprenderam bastante. Ela se sentiu

importante de passar esse conhecimento de fazer café de semente de feijão andu para nós. A experiência dela de vir fazer o café de semente de feijão andu aqui na escola foi muito enriquecedora. As crianças estavam todas curiosas para ver quem era ela. E ela também feliz de estar ensinando algo que conhecia, que é muito importante. Uma das coisas mais importantes na nossa escola, no nosso aprendizado, é ter conhecimento principalmente dos mais velhos que não pode ser esquecido. Esse reconhecimento dos mais velhos, valores tradicionais é algo que não pode ser esquecido, porque se ela vai embora e os outros mais velhos também vão embora, as crianças ficam sem esse conhecimento tão importante para o fortalecimento da nossa cultura. E a gente percebeu que as crianças gostaram, elas tomaram o café todinho. Isso foi algo que provou que elas gostaram do café. (narrativa de professora)

Mônada 2

Para que faça sentido a todos

No projeto Flora, um dos objetivos que a gente defendeu, foi à participação efetiva de quem era o alvo do projeto, que falava dos seus conhecimentos, suas experiências, seus costumes que ela sabe e que não tinha passado para a gente ainda. E uma dessas foi o café da semente do feijão andu. Então numa das visitas a casa dela, conversando, ela foi falando das sementes que faziam café. Sabendo que aqui tinha alguns pés de feijão andu, convidamos para ela vir até a escola para nos ensinar a fazer o café da semente de andu. Ela veio até a escola, explicou desde o começo a escolha da semente, torrar o café, depois pisar o café. Todos os passos necessários para produzir o café de andu. Nós visitamos os quintais das casas que ela morou, as crianças produziram material, escreveram textos contando como que foi, desenharam os quintais. Falamos quem era Flora. Foi uma produção de material, um registro que foi bem interessante. A intenção é de que esse material produzido se transforme num material específico aqui do povo que possa ser trabalhado da Educação Infantil até o 5º ano que a gente hoje trabalha.. Acreditamos por ser material que eles produziram que vai passar de ano em ano, que é uma produção delas mesmo. No final do projeto quando já tinha visitado todas as casas, tudo o que ela foi falando, fomos registrando em vídeo e escrevendo. Produzimos um poema falando da história dela. O poema se chama: Quem é ela? Vem contando, o objetivo para que todos da comunidade a reconhecessem, a personagem. As crianças apresentaram o poema. Ela foi homenageada, falou um pouco do que gostou e cada um falou dela como membro da aldeia e como Flora. O poema vai ficar registrado como material didático em sala de aula. O objetivo do projeto é trabalhar em conjunto, é o coletivo. Unir todos os anos com os professores para que faça sentido a todos. Não adianta fazer sentido só para uma turma, pois o nosso objetivo é trabalhar o coletivo, trabalhar desde a Educação Infantil até o 5º ano envolvendo todas as disciplinas, a Geografia, a Língua Portuguesa, a Matemática, o Uso do Território, a Cultura. Envolvendo todas as disciplinas - que é para nós o mais importante - vai abranger nossas necessidades. A dificuldade que nós

tínhamos, coloco-a no passado porque graças a Deus já melhorou bem isso... é um processo longo e demorado. A comunidade vem de uma educação em sala de aula, os pais que estudaram entendem que o ambiente da sala de aula tem que ser bem trancado na sala de 4 horas. Isso é um processo que juntos vamos tentando desconstruir na cabeça dos pais e da comunidade que o ambiente alfabetizador é um ambiente amplo onde a gente pode sair da sala e trabalhar. Porque a gente vive dentro de uma aldeia rodeada de mata, de planta. Porque não usar isso como instrumento de aprendizagem ao invés de pegar um livro de História Antiga? Por que não pegar uma história do nosso povo que tem conhecimento para repassar para nós. Então isso é algo que a gente está construindo com a comunidade, tentando mostrar para ela que o ambiente alfabetizador é amplo. A gente pode usufruir de tudo que a natureza oferece, dos conhecimentos que eles têm. E então estamos mostrando para eles que eles têm um grande saber que é importante para a nossa educação, da nossa cultura, daquilo que queremos como escola. Ainda nosso projeto teve alguns fatos: nós passamos três meses andando na aldeia, visitando quintais, conversando com os moradores. Teve um pai que achou que nós estávamos perdendo tempo, ou seja, estávamos enrolando. Mas no final a gente viu que ele mudou de ideia. Está vendo tudo aquilo que a gente fez? Esse aqui é o resultado. Então aprovou, pelo sorriso que deu. Acreditamos que aprovou. É uma dificuldade porque tudo que é novo, que a gente tenta trabalhar encontra dificuldades, obstáculos. Isso acontece em todas as escolas que tenta inovar. Elas têm dificuldades, as barreiras a enfrentar. A gente aqui está conseguindo vencer e os pais estão aprovando. (narrativa de professora)

Mônada 3

Isso aí é uma vida!

Eu via minha mãe fazer o café do feijão andu. Eu não podia comprar o café da cidade, pegava o andu seco punha no caco de barro, tacho, colocava no fogão a lenha, punha o andu dentro com açúcar, mexia, mexia. Virava cascão, quando cheirava o açúcar queimado, colocava na pedra um bocado de cinza e despejava o andu na pedra e deixava esfriar. Quando esfriava, pegava o pilão, quebrava o café e fazia o pó bem fininho. Colocava numa chaleira com água fervendo e nós bebíamos bem gostoso um gosto de barro. Não tinha outro. Por isso o café andu não pode perder a origem dele. Por isso eu planto. Minha mãe sabe mais sobre o feijão, pois ela enfrentou a batalha para nos criar. Trabalhava o dia para levar o feijão para casa para nós comermos quando chegava à noite. O feijão veio nas nossas bagagens, a semente eu plantei. Eu guardo depois de seco, debulho ele, guardo em garrafa pet dura de um ano para outro. As crianças maiores se interessaram muito para saber do andu, mas os pequenos também vão entender. Isso aí é uma vida, vida dela. Isso aí é uma vida! (narrativa de professor da escola - integrante da comunidade)

Mônada 4

Feijão de madeira

O café da semente de feijão andu que hoje foi feito, eu aprendi com minha mãe. Ela plantava, semeava o andu, debulhava, botava no sol para secar e, depois de seco, ela torrava igual eu fiz agora e fazia o café. Vendo o que ela fazia, eu aprendi. Prestava atenção nela do jeito que faz: plantar, colher, botar para secar, depois de seco torrar e fazer o café. O primeiro é o café do caco. Quando tira o café, fica o melado e a pessoa faz o café. Aprendi com minha mãe que o café andu serve para dor de cabeça, para afinar o sangue. Era feijão de matar a fome, feijão de madeira. Nesse tempo eu não era aposentada não tinha com o que valer... só de Deus. E a gente comia mesmo, feijão de madeira o feijão de andu. Lá as coisas eram difíceis. Hoje posso considerar que estou rica, nós todos que viemos do norte, estamos ricos pela vida que nós passamos lá. Se eu fosse contar o passado disso dava para fazer um livro. Depois que o meu marido morreu, fiquei com meus sete filhos, sete filhos nas minhas costas. Coisa que nunca fiz na minha vida, depois da separação do meu marido eu fiz: pedir, pedir para os meus filhos comer. É isso que eu conto da bondade lá do norte, é esta. Um dia desses, minha filha Cida me disse: " - Mãe ainda me lembro quando a senhora ia para rua, que às vezes não tinha dinheiro para comprar uma mistura. Chegava naquelas bancas que vendia peixe e a senhora pedia o sal para levar para casa." E pedia, pedia mesmo, está falando a verdade. Comprava a mistura, chegava em casa, pegava o feijão da Fazenda dos Bugres e comia o peixe e o sal. Enchia a barriga só de feijão. Negócio complicado. Eu fiz café de andu, de milho, café de girassol, marajoaba, já fiz um bocado de café de várias sementes. Aqui só tem o girassol e o milho. O andu eu plantei aqui. Fui ajuntando o feijão seco e guardava a semente. Já faz muito tempo que eu guardo. Para comer, gosto dele verde, para comer cozido e para tomar café. (narrativa da matriarca Flora)

Mônada 5

Daqui da aldeia!

Achei muito importante, porque fizemos entrevistas com ela, sobre as casas onde ela morou, as plantas que deixou. No final, pensamos em fazer um pequeno livro para a escola para os alunos. Ela falou de Alagoas, todo lugar por onde ela foi deixava alguma coisa plantada. Foi uma experiência muito boa para nós, para os alunos, para deixar registrado na escola quando os alunos forem crescendo saber que tem uma pessoa que ajudou a gente produzir um livro. A gente saía toda sexta-feira para fazer entrevista com ela e andar nas casas onde ela fez o plantio para deixar registrado na escola. Depois que a gente entrevistou, andou nas casas, juntamos todos os professores para fazer uma homenagem a ela. Pensei em tudo que ela falou durante as entrevistas, das vacas que entraram no quintal da casa dela. Produzi um poema das plantas e da experiência de vida por onde ela passou. Por isso eu criei aquele poema quando ela falava do café, do preparo do café que eu mesma não sabia, beirão, milho, andu e girassol. Depois ela falou das plantas medicinais que aqui tem outro

nome. A gente pediu para as crianças desenharem, produzirem textos sobre cada experiência: como ela prepara o café da semente de feijão andu que eu não conhecia... teve muitas coisas, como ela vir até aqui na escola para fazer a receita do café. Também nunca tinha visto ninguém fazer o café. Foi uma experiência muito boa para nós. No começo, a gente pensou: "será que vai dar certo?" Porque não é todo dia que ela gosta de falar... "Será que vai dar certo?" Nós, professores, acabamos aprendendo e as crianças também. Fomos visitar cada quintal, levamos os alunos juntos. Fizemos o desenho de Flora, do jeitinho dela, um pouco como eles viram. A Flora do livro é muito parecida com a Flora da aldeia, gosta muito de plantar, tem muito cuidado com as coisas que tem. Se a gente for ao quintal, ela diz logo: "- Cuidado com minhas plantas." Pensamos que é mato, capim, mas são as plantas dela. Então, o cuidar da Flora do livro com a Flora da aldeia é muito parecido. Ela tem muito carinho e amor pelas plantas. A gente contou a história do livro para ela e ela se identificou muito com a Flora personagem. Contou também que é muito sonhadora, que gosta de plantar. Ela disse o gosto que tem de plantar. Ela gostou da homenagem que a gente fez para. Todo mundo se emocionou. Disse que jamais esperava que fosse tão querida e que tinha netos, bisnetos e tataranetos que pudesse fazer uma homenagem. É uma experiência nova aqui de dentro da aldeia, que não precisamos buscar outras pessoas lá fora. Daqui mesmo a gente tirou daqui da aldeia, como fazer passo a passo o café da semente de feijão andu. (narrativa de professora)



Foto 1 – Feijão de Andu – Acervo da autora

Mônada 6

Fechar os olhos para imaginar!

O projeto Flora foi muito importante, resgatando os valores que estavam ficando esquecidos, principalmente de plantar. Aqui pouca gente tem o costume de plantar as coisas, plantar árvores frutíferas. Ela gosta de plantar. Foi aí que eu perguntei: "De onde vem essa vontade de plantar? Era da mãe dela ou do pai?" E ela disse que era dela mesma. Lemos o livro da Flora, fizemos uma encenação, lemos o livro para ela, queadorou. As crianças aprenderam muito! Falou da vida dela. Foi muito interessante o resgate do café andu que ela veio fazer. Eu via minha mãe fazendo. Hoje estou com 24 anos, mas tomei quando tinha sete anos. Lembrei como é fácil de fazer: temos o andu, temos os mais velhos, para não perder a tradição, o costume. Naquele tempo não tinha dinheiro para comprar o pó de café, o que tinha era o andu. Aí, ia fazer o café do andu que não tinha outro café. Das outras coisas que tinha era café de milho, de girassol, de beirão. Nunca tinha ouvido falar que

fazia, foi uma experiência e tanto. Eles fizeram retrato, os pequeninhos ficaram com os desenhos e pelo visto eles se deram muito bem fazendo o desenho. Eles não viram a fotografia, eles tinham que imaginar, fazer o retrato do jeito que eles imaginavam na cabeça deles, que jeito que era a Flora. Até o dia que nós perguntamos quem é a Flora? O retrato que cada criança fez, usou a imaginação que eles tinham de vó, porque eles não estavam vendo a pessoa pessoalmente, mas se você pergunta a forma que eles estão desenhando, elas falavam. Vou fechar os olhos para imaginar, para ver como imaginar a Flora. Cada um fez o seu! (narrativa de professora)



Retrato de Dona Flora por um aluno

Mônada 7

Só de Deus!

O café que hoje foi feito eu aprendi com minha mãe ela plantava, secava o andu, debulhava, botava no sol para secar. Depois de seco ela torrava igual eu fiz agora. Eu fui vendo ela fazendo e tudo que ela fazia eu aprendi. Prestando atenção nela desse jeito que faz plantar, colher, botar para secar, torrar e fazer o café. O primeiro café é o café do caco quando o café vira o melado e a pessoa faz o café. Minha mãe dizia que o café da semente de andu serve para dor de cabeça, para afinar o sangue. É feijão de madeira é de madeira mesmo. Nesse tempo eu não era aposentada não tinha do que me valer só de Deus. Feijão de madeira, feijão andu, a gente comia, lá as coisas eram um pouco difícil. Hoje aqui posso considerar que sou rica, nós que viemos do norte, pela vida que nós passamos lá, se eu fosse contar o passado desse tempo de lá dava para fazer um livro. Depois que o meu marido morreu eu fiquei com os meus sete filhos nas costas. Coisa que nunca fiz depois da separação do meu marido eu fiz, pedir, pedir para os meus filhos comer. É isso que eu conto da bondade lá do norte. Um dia desses minha filha me disse: "- mãe ainda lembro quando a senhora ia para rua, não tinha dinheiro para comprar uma mistura. Chegava naquelas bancas que vendia peixe, pedia o sal para levar para casa, pegava o feijão da Fazenda dos Bugres. Comia o peixe, o sal. Enchia a barriga só de feijão." Negócio complicado. Mas eu também já fiz café da semente de andu, de milho, de girassol de marajoaba. Já fiz um bocado de café de várias sementes. Aqui só tem o girassol, o milho. O andu, eu plantei aqui. Fui ajuntando o seco, debulhava e guardei a semente. Já faz muito tempo que eu tenho guardado. Gosto dele verde para comer cozido e tomar café do feijão pau. Gostei muito que a minha neta mandou me chamar para vir na escola. (narrativa de Flora, matriarca Xucuru Kariri)



Retrato de Dona Flora por aluna

Mônada 8

Cabelo de fuá

Acho a Flora um pouco gente boa e um pouco chata. Ela é muito velha, por isso eu também queria saber sobre a vida dela. Planta um monte de frutas e os frutos são: andu, maracujá, goiaba, limão... e o cabelo dela é de fuá. Ela mostrou um monte de frutas e umas plantas, que eu não reconheci. Ela ficou andando pela horta e mostrou umas plantas pequenas que a vaca comeu. Ficou na aroeira e contou uma história mostrando as plantas que a vaca comeu. Quero aprender um monte com as sementes e as plantas. (narrativa de aluno e integrante da comunidade Xucuru Kariri)



Quintal de Dona Flora – por aluno

Mônada 9

Continua a se cuidar

Ela é minha avó e gosta de plantar flores, pé de goiaba. Ela é um pouquinho velha, mas mesmo assim continua se cuidar. Mora na Aldeia Xucuru Kariri. Ela me mostrou flores, cantou uma canção do alecrim, mas era de defunto. Disse que gosta muito de plantar cana, goiaba, maracujá, limão. Em todas as casas que ela morou, plantou muitas frutas para os outros que precisam. Fui com os alunos da escola para a casa da minha avó. Lá tem rosa, girassol, alecrim, goiaba, maracujá. Ela cantou uma música sobre defunto. Ficou muito triste porque as vacas do tio comem as plantas. Minha avó disse que tinha cerca arreventada, por isso estava triste. Eu gostaria de plantar jaca, maracujá, banana, goiaba. Gostaria de plantar muitos alimentos, como pé de abacate, abacaxi, maracujá! É tudo que eu quero plantar. (narrativa de aluno)



Quintal de Dona Flora – por aluno

Quem adensa a narrativa é o ouvinte

Partimos dessa ideia benjaminiana, para começar a sinalizar os efeitos produzidos a partir da escuta das mônadas e das possibilidades de aprendizagem que se abriram. Para Benjamin (1994), o narrador mais autêntico é o ancião ou o moribundo, aquele que na

finitude da vida, tem a sabedoria e o poder do aconselhamento entretido nas suas histórias. A narrativa, nesse sentido, se presta menos a trazer respostas e mais a ampliar perguntas, instigando o sentido da experiência e o desejo de conhecer mais. Isso se dá, prioritariamente, no plano das sensibilidades, que articuladas aos saberes e desejos, abrem novas perspectivas de aprendizagem. Acreditamos que esse princípio benjaminiano converge com a proposição da aprendizagem narrativa em Goodson (2007).

Ao fazer a escuta das mônadas, percebemos que professores aprendem com a matriarca Flora e vão materializando essas aprendizagens em vídeos e também, em desenhos e textos das crianças produzidos durante todo o caminho percorrido. Aprender com Flora, ressaltar suas qualidades não visíveis no cotidiano da aldeia é produzir numa tessitura coletiva, um currículo peculiar e local, constituído por narrativas, histórias repletas de sentidos, sentimentos e conhecimentos. Trabalhar no coletivo, sair do espaço fechado da sala de aula, visitar quintais, propicia saídas da zona de conforto da sala de aula. Perambulando para cá e para lá, a comunidade escolar estabeleceu condições para registrar e narrar conhecimentos produzidos, expressando esse registro na forma daquilo que professores chamaram de “material didático”. Do ponto de vista simbólico, dizer de um “material didático” marca o lugar social da escola e da prática pedagógica, dialogando com as identidades docentes. Do ponto de vista da cultura da comunidade indígena, o “material didático” é escrita de resistência que traz aprendizagens narrativas dos mais velhos para os mais inexperientes.

A experiência vivida por alunos, professores e demais membros da comunidade cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros como sugere o desenho do retrato de Dona Flora pintado por uma criança da Educação Infantil. Ao desenhar a matriarca, representando-a com pernas longas, que possibilidades de significação estão sendo operadas? De que forma as longas pernas de Flora, metaforicamente articulam-se com diferentes tempos perpassados por sua narrativa? Diferentes tempos que proporcionam aos ouvintes a reelaboração e reinterpretação, de situações da vida cotidiana como a receita do café da semente de feijão andu. Enquanto o café ia passando de mão em mão, narrativas eram partilhadas, memória e tradição entrecruzadas. As crianças estavam abertas à passagem daquela experiência.

Nesse sentido, Larrosa (2014) nos convida a pensar que a experiência não pode ser antecipada, não tem a ver com o tempo linear do planejamento, da previsão, da predição, da prescrição, esse tempo em que nada nos acontece. A experiência se relaciona com o acontecimento do que não se pode “pre-ver”, nem “pre-escrever”. Por isso a experiência é

sempre do que não se sabe, do que não se pode, do que não se quer, do que não depende do nosso saber nem do nosso poder, nem da nossa vontade.

Nesse aspecto, considerando os modos contemporâneos de vida e, também, de vida escolar, o autor salienta a impossibilidade de elaborar experiências, de lhes dar um sentido próprio. E se experiências não são elaboradas, se não adquirem um sentido, seja ele qual for, com a relação à própria vida, não podem se chamar, estritamente, experiências. E, portanto não se podem transmitir. E nós sabemos bem disso, porque convivemos com esta realidade vivida pelos professores indígenas. Nossa experiência mostra neste sentido que conteúdo das mônadas apresentadas pelas professoras é uma possível ruptura com o engessamento dos currículos prescritivos.

Para Larossa (2014), precisamos separar claramente a experiência da prática. E isso significa pensar a experiência não é partir da ação e, sim, partir da paixão. O sujeito da experiência não é, em primeiro lugar, um sujeito ativo, e sim um sujeito passional, receptivo, aberto, exposto. O que não quer dizer que seja passivo, inativo: da paixão também se desprende uma epistemologia e uma ética, talvez inclusive uma política, certamente uma pedagogia. Mas se trata de manter sempre na experiência esse princípio de receptividade, de abertura, de disponibilidade, esse princípio de paixão, que é o que faz com que, na experiência o que se descobre é a própria fragilidade, a própria vulnerabilidade, a própria ignorância, a própria impotência, o que repetidamente escapa ao nosso saber, ao nosso poder e a nossa vontade.

Nesse contexto, os escritos de Goodson (2007) assinalam também que, a partir da experiência, podemos mudar de um currículo prescritivo para um currículo como identidade narrativa: de uma aprendizagem cognitiva prescrita para uma aprendizagem narrativa. O autor apresenta os estudos de Bateson (1979) que estabelece três perspectivas: 1. a aprendizagem primária, primeiro nível de aprendizagem de conteúdos do currículo formal; 2. a deuterio aprendizagem que podemos chamar de secundária, que é o processo subterrâneo do aprender a aprender e, 3 a aprendizagem terciária. Seguindo a mesma direção, Bauman (2001, apud Goodson, 2007) apresenta a aprendizagem terciária como aquela que permite o rompimento com prescrições predeterminadas do currículo, priorizando a definição, a apropriação e a narrativa contínua de seu próprio currículo.

O currículo narrativo de Dona Flora permite também mobilizar sensibilidades no sentido de compreender que a educação indígena não pode ser condicionada estritamente por espontaneísmos e voluntarismos. Não é isso que defendemos, quando reafirmamos as potencialidades do currículo narrativo. Como afirma Juracilda Veiga "...as pessoas creem que

educação diferenciada, educação indígena é uma coisa simples de você conseguir, basta falar que ela brota, tem geração espontânea". (GUIMARÃES, 2001, p. 108). Ao contrário, o currículo "não brota", ele é tecido no coletivo, a partir de escolhas conscientes e com propósitos consensuados. Trabalhar com aprendizagens narrativas requer estabelecer uma pauta que leve em conta às histórias de vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se articule com finalidades comuns voltadas a um futuro de justiça social (GOODSON, 2007).

A experiência partilhada com os professores Xucuru Kariri, MG, nos ensina a cultivar um olhar paciente, aberto ao saber da experiência e atento ao currículo narrativo. Como nos ensina Bartolomeu Campos Queirós (2009), é preciso prezar a coragem das sementes e apodrecer para inaugurar o fruto. A semente traz o currículo narrativo, operando com o tempo embebido na vida das pessoas, destacando as potencialidades dos saberes constituídos no *antes* e no *depois*.

A Flora de Bartolomeu sabia que cada semente guardava uma esperança para virar verdade. As sementes armazenam possibilidades. Ser semente é possuir todas as idades, todos os percursos. Dona Flora, matriarca Xucuru Kariri, narra a história que inaugura o currículo narrativo naquela comunidade escolar. E como nos ensina Ivor Goodson se o currículo prescritivo está acabando, estamos apenas no começo, por isso, a ele retornamos com as palavras de Dona Flora:

Gostei muito que a minha neta mandou me chamar para vir na escola. (grifos nossos)

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v.1)
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. *Revista Brasileira de Educação* v. 12 n. 35 maio/ago. 241, 2007.
- GUIMARÃES, Susana Grillo. A formação de professores indígenas no Brasil hoje. in: VEIGA, Juracilda e SALANOVA, Andrés (orgs.) *Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola*. Brasília: FUNAI/DEDOC, Campinas: ALB, 2001, p. 172.

LAROSSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm von. *Os Princípios da Filosofia ditos a Monadologia*. In: Coleção Os Pensadores. 1ª edição. Vol. XIX. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PETRUCCI-ROSA, Maria Inês, RAMOS, Tacita Ansanello, CORREA, Bianca Rodrigues, ALMEIDA JR., Admir Soares. Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. *Revista Currículo Sem Fronteiras*, v. 11, n. 1, pp. 198-217, Jan-Jun, 2011.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Flora*. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Beatriz Sales da. *Educação escolar indígena : Mas, o que é mesmo uma escola diferenciada? Trajetória, equívocos e possibilidades no contexto da E. E. Indígena Xucuru Kariri Warkanã, de Aruanã (Caldas, MG)*. Campinas/ FE/UNICAMP: Dissertação de Mestrado, 2010._ Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/> - último acesso 18/12/2014.

ⁱ Faculdade de Educação/UNICAMP

ⁱⁱ Faculdade de Educação/UNICAMP

ⁱⁱⁱ Informação de domínio público, encontrada por exemplo em:

www.ocultura.org.br/index.php/Mitologia_Romana, acessado em 28 de dezembro de 2014.

^{iv} Para saber mais: SILVA, Beatriz Sales da. [Educação escolar indígena : Mas, o que é mesmo uma escola diferenciada? Trajetória, equívocos e possibilidades no contexto da E. E. Indígena Xucuru Kariri Warkanã, de Aruanã \(Caldas, MG\)](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/) Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/> - último acesso 18/12/2014.

^v "Cultura" e "Uso do território" são disciplinas escolares incluídas no currículo dessa instituição".

^{vi} "Escola da rua" é a denominação dada pela comunidade para as escolas da cidade.